

## Inovação

## República Checa, vitalidade económica e oportunidades comerciais

**Tereza Krátká**

Consultora Mercado Checo, Market Access-Consultores em Negócio Internacional



A República Checa é um pequeno país da Europa Central que tem similaridades com Portugal em inúmeros aspectos tais como, a dimensão da população que é de cerca de 10,5 milhões e um PIB per capita muito idêntico ao português. No entanto, existem inúmeras diferenças que podem ser encaradas como oportunidades para os exportadores internacionais.

A República Checa está estrategicamente localizada no centro da União Europeia e está rodeada por algumas das maiores economias europeias e mundiais como a Alemanha e a Polónia. Como antigo território do Império Austro-Húngaro são comuns as similaridades entre a cultura e gastronomia dos territórios e, ainda, em termos mais estruturais, revela-se uma extensa rede de estradas e linhas de comboio, um sistema educacional de grande qualidade e uma cultura germânica em ambiente profissional. Membro formal do bloco oriental da Europa, a República Checa revela uma economia altamente competitiva. Desde a mudança política do país de república socialista para o regime democrático em 1989, a República Checa é, entre os países em transição, a economia que mais atrai Investimento Directo Estrangeiro. O mercado revela características muito específicas como um nível de vida relativamente baixo, reduzidos custos salariais, grande know-how local em áreas como a indústria e a engenharia e uma moeda (a Coroa Checa) um pouco desvalorizada relativamente à moeda europeia. Por conseguinte, a economia checa revela extensas vantagens comparativas face a outros membros da União Europeia, sobretudo em termos de produção de bens.

A República Checa demonstra uma economia estável e próspera que tem vindo a experienciar um crescimento económico sólido e que, em 2016, apresentou uma das mais reduzidas taxas de desemprego de toda a União Europeia. As previsões económicas de crescimento e estabilidade têm sido responsáveis por um sentimento optimista junto da população, assim como para o sector da banca que tem vindo a ceder um volume cada vez maior de crédito pessoal e para empresas, facto que se prevê que conduzirá a um aumento das despesas familiares, dos salários e da produção do país. Os mais relevantes centros empresariais localizam-se na zona urbana à volta da capital, Praga, a qual é, também, um importante destino turístico para pessoas que apreciam arquitectura urbana e a gastronomia local acompanhada das suas famosas cervejas. No entanto, durante os últimos anos, Brno, a segunda maior cidade da República Checa, tem vindo a sentir um grande crescimento devido às reconhecidas universidades e tem sido uma cidade muito escolhida pela população checa jovem. A cidade de Brno é, também, conhecida como a Silicon Valley da Europa Central porque se tem tornado uma região de centros de alta tecnologia e tecnologias de informação. As exportações portuguesas para a República Checa têm aumentado sobretudo em sectores como o têxtil e vestuário e os produtos agroalimentares. No entanto, existem ainda muitos mercados por explorar junto dos consumidores checos que procuram produtos e serviços de qualidade. ◀

## V Fórum Empresarial

**Futuro** Empresários e responsáveis governativos partilharam experiências e ideias de desenvolvimento

Realizou-se a 11 de Novembro, no Cineteatro Alba, o V Fórum Empresarial da Região de Aveiro, evento promovido pela AIDA em parceria com a autarquia de Albergaria-a-Velha, e que teve o Alto Patrocínio do Presidente da República.

Com 396 empresários na plateia, representantes institucionais e dirigentes associativos, abordaram a importância da indústria 4.0, a excelência do tecido empresarial da Região, a necessidade de aumentar a cooperação entre a indústria e as universidades/centros tecnológicos como factor vantajoso para o desenvolvimento das empresas, e a urgência de criar condições que atraiam o investimento nacional e ou estrangeiro para relançar a economia e criar emprego.

António Loureiro, presidente do município de Albergaria-a-Velha, afirmou que aquele se diferencia por ser activo e atractivo para pessoas e empresas, pois apoia o empreendedorismo, tem uma reduzida carga fiscal, aposta na requalificação urbana e infraestruturas, principalmente rodoviárias e dispõe de uma oferta cultural e ao nível do desporto que se destaca.

**Recados dos empresários**

Já para Fernando Castro, presidente da Direcção da AIDA, a grandeza do Distrito de Aveiro resulta do constante trabalho por parte do seu tecido empresarial. O responsável aproveitou a presença do Ministro da Economia para criticar o ineficiente desenvolvimento do Portugal 2020, dando o exemplo do Programa Capitalizar, que contempla só 64 das 131 medidas propostas pela Estrutura de Missão para a Capitalização das Empresas, cujos efeitos se irão refletir somente a partir do 2.º trimestre de 2017.

Nesse sentido, Fernando Castro sublinhou que o OE2017, deveria ser mais audacioso, porque, apesar de contemplar medidas de apoio às empresas, faltam medidas de relançamento do investimento e eliminar as novas penalizações para as em-

presas, designadamente o agravamento do imposto sobre veículos, o adicional do IMI, a quase eliminação do prazo de comunicação da facturação à AT, entre outras.

Na sua opinião do líder da AIDA, se fossem cortados apenas 5% dos subsídios dados às empresas públicas seria suficiente para efectuar o investimento, com comparticipação dos fundos comunitários, ao nível da ferrovia, em particular a linha Aveiro-Viseu-Salamanca, lembrando que mais de dois terços das exportações nacionais têm origem no centro e norte de Portugal.

**Ligação ao conhecimento é fundamental**

Manuel Caldeira Cabral, ministro da Economia, enalteceu o facto de Aveiro ser um distrito industrial que se afirma pela excelência e dinamismo do tecido empresarial e representatividade das suas exportações. O ministro admitiu que as reivindicações das associações empresariais “são justas”, mas salientou que o OE2017 “deixa também uma mensagem de estabilidade às empresas”. “Este é um Orçamento também para as empresas, que dá incentivos fiscais a quem investe, com o alargamento do regime de crédito fiscal ao investimento”, citando programas que permitem “baixar a carga fiscal às empresas que reforcem os capitais próprios”, disse.

O representante governativo referiu, igualmente, a activação dos fundos comunitários com a efectiva transferência de verbas para as empresas, e a “quase duplicação das candidaturas aos fundos para investigação científica por parte das empresas”. Segundo Caldeira Cabral, Portugal tem-se destacado no âmbito da Indústria 4.0, sendo um dos oito países da União Europeia que já tem uma estratégia aprovada e cujo projecto será dinamizado pela CO-TEC, reforçando assim o envolvimento e o trabalho em parceria entre entidades públicas e privadas.



O ministro ainda reforçou a importância de uma política integrada, não só entre centros tecnológicos que apoiam a indústria mas também entre as start-ups com empresas dos sectores tradicionais, que as tornem inovadoras e com uma forte componente tecnológica.

A introdução ao I Painel “A indústria inteligente” foi feita com o testemunho gravado do Comissário Europeu da Investigação, Ciência e Inovação, Carlos Moedas, que salientou que a inovação e o crescimento económico não se decretam, requerendo estímulos, condições favoráveis e um ambiente de confiança propício ao investimento, sendo um dos principais objectivos do Horizonte 2020, o Programa Europeu de Apoio à Ciência e à Inovação.

Segundo Moedas, a revolução digital ou realidade aumentada obrigam a uma profunda transformação da indústria e novos padrões de consumo, sendo essencial aproveitar as oportunidades digitais da indústria 4.0 que a Comissão Europeia se encontra a apoiar.

A cultura da pesquisa, da investigação e do desenvolvimento é o caminho a seguir pelas empresas, partilhando co-

nhecimento entre entidades e empresas, devendo para o efeito apoiar a ciência e a inovação para gerar novas oportunidades de negócio, defendeu.

O moderador do painel, Manuel Assunção, Reitor da Universidade de Aveiro, começou por referir que tem alguma reticência na terminologia “inteligente”, caso concreto da indústria 4.0. “É importante ponderar noutras formas de indústria que continuam a ser inteligentes, afirmou, Sublinhando que a indústria 4.0 é impossível sem o sistema científico e tecnológico numa era em que a esfera física e digital têm de trabalhar em equipa.

Já José Rui Felizardo, fundador e CEO do Centro para a Excelência e Inovação na Indústria Automóvel, partilhou a experiência e know-how que o CEiiA tem no desenvolvimento de vários produtos e tecnologias específicas para a indústria, sendo disso exemplo o projecto da Embraer, de criação de um veículo que irá estar nos aeroportos brevemente, o projecto disruptivo de uma bicicleta que irá ser colocada no mercado norte-americano.

O mesmo elemento realçou a relevância da capacidade de